

RELATO REFLEXIVO DOS ORGANIZADORES DE UM CURSO DE EXTENSÃO: entre o ideal e o possível

REFLECTIVE REPORT OF THE ORGANIZERS OF AN EXTENSION COURSE: between the ideal and the possible

Tatiana Galietta¹
Sára Regina Magalhães Melo²
Nathan da Matta Oliveira³
Clara Chaves de Freitas⁴
Thiago Christian Ribeiro⁵



RESUMO

Neste artigo relatamos nossas experiências como equipe organizadora de um curso de atualização voltado para professores de Ciências e Biologia da educação básica. O curso consiste na principal ação de um projeto de extensão que ofereceu oito edições (presenciais, remotas e híbridas) entre os anos de 2016 e 2022. A partir de relatos individuais nos quais refletimos sobre nossa relação com a extensão e com o processo de organização do curso, chegamos a cinco elementos centrais da ação extensionista, a saber: Imprevistos e fatores externos à organização; Contribuições profissionais; Relações entre escola e universidade; Limitações do formato do curso; e Dimensão afetiva. A partir deles reconhecemos que a extensão universitária não deve ser vista de forma ingênua ou romantizada, mas sim como fruto de árduo trabalho em busca do diálogo com a escola.

Palavras-chave: Extensão Universitária, Formação Continuada, Escola-Universidade.

ABSTRACT

In this article we report our experiences as an organizing team of an update course aimed at Science and Biology teachers in basic education. The course consists of the main action of an extension project that offered eight editions (presential, remote and hybrid) between the years 2016 and 2022. From individual reports in which we reflect on our relationship with the extension and with the course organization process, we arrived at five central elements of extension action, namely: Unforeseen events and factors external to the organization; Professional contributions; Relations between school and university; Limitations of the course format; and Affective dimension. From these elements, we recognize that university extension should not be seen in a naïve and romantic way, but as the result of hard work in search of dialogue with the school.

Keywords: University Extension, Continuing Training, School-University.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Professora Associada da Faculdade de Formação de Professores da UERJ; tatigalieta@gmail.com; orcid.org/0000-0002-3822-1947

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade; saramagalhaesmelo@gmail.com; orcid.org/0000-0001-7044-4094

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Licenciado em Ciências Biológicas; nattebio@gmail.com; orcid.org/0000-0002-8192-711X

⁴ Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Licenciada em Ciências Biológicas; clarafreitas97@gmail.com; orcid.org/0000-0001-7928-9393

⁵ Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Licenciado em Ciências Biológicas; thiagochristian_1997@hotmail.com; orcid.org/0000-0003-4941-9446

Introdução

A extensão consiste em um dos pilares da universidade brasileira, porém é o elemento basilar constituído mais recentemente. Ensino e pesquisa, ao contrário, estiveram presentes desde o início, ainda nas primeiras escolas e faculdades isoladas. Na Escola de Cirurgia e Anatomia de Salvador e na Escola de Anatomia e Cirurgia do Rio de Janeiro, fundadas em 1808, a pesquisa ocorria de forma quase que concomitante ao ensino. A criação das universidades no Brasil, no início do século XX, acaba por não interferir nos papéis dessas duas esferas, embora elas tenham sido reorganizadas dentro de uma nova estrutura (Barreto & Filgueiras, 2007).

A extensão, por sua vez, somente na década de 1980 é sistematizada e incorporada nas universidades brasileiras. Dentro de um contexto político de reabertura política, após o período de ditadura civil-militar (1964-1985) e com o crescimento de movimentos de educação popular, passa-se a exigir a popularização dos conhecimentos – em um compromisso maior com a população mais carente, sobretudo – e a relação entre as comunidades e o fazer universitário (De Medeiros, 2017). No entanto, o entendimento mais amplo sobre extensão antecede sua formalização e incorporação à universidade, conforme De Medeiros (2017, p. 11) comenta:

(...) existe uma tentativa, a partir dos anos 70 de definir o significado do conjunto de conceitos relacionados à Extensão Universitária. Este conceito é de grande complexidade, pois pode acarretar o entendimento das funções relacionadas à Extensão como estando ligada a promoção de cursos ou prestação de serviços. Tal fato restringe o seu lócus de ação, impedindo-a de alcançar sua plena dimensão acadêmica (...).

A "plena dimensão acadêmica" a qual a autora se refere está relacionada ao rompimento com a ideia de que os conhecimentos produzidos pela intelectualidade universitária devem "se estender" à população de seu entorno. Indo ao encontro de uma concepção de extensão como comunicação, construída através do diálogo e da não invasão cultural (Freire, 1983). No entanto, a extensão como uma atividade de "prestação de serviços" até os dias atuais guia as atividades dos docentes universitários remontando suas primeiras compreensões teóricas. Esse imaginário, que segue influenciando os modos de percepção e de ação, foi (e ainda é) bastante contestado por educadores populares que partem da premissa de que a educação é feita *com* o outro e não *para* o outro (Freire, 1983).

Apesar de a extensão ter sido inserida como parte das demandas crescentes de acesso e popularização dos conhecimentos produzidos dentro da universidade para a comunidade "extramuros", ela ainda é vista como o "patinho feio" ou elemento pouco atrativo por professores/pesquisadores brasileiros. Projetos e bolsas de extensão são menos prestigiados em editais de agências de fomento e a própria coordenação dessas atividades tem menor pontuação em programas que concedem bolsas de produtividade a professores universitários. Quer dizer, a universidade em si mesma e os demais órgãos relacionados à ciência e à educação (sobretudo, os conselhos e fundações de amparo às ações universitárias) não reconhecem a extensão como cenário de produção de conhecimentos, de formação de profissionais e como instância fundamental do trabalho docente.

Nesse sentido, propor atividades extensionistas que estejam articuladas à pesquisa e ao ensino – e, no caso de projetos que envolvem dimensões educativas, à escola – são desafiadoras não apenas do ponto de vista teórico, mas inclusive material. Uma estratégia que encontramos para

solucionar ambos os problemas foi propor um projeto de extensão/pesquisa que tinha como referenciais teóricos a educação popular de Paulo Freire e a educação científica nele inspirada (Santos, 2007); mesmo que ainda não escapasse do formato da oferta de cursos. O cenário da extensão para a produção de dados de uma pesquisa acadêmica nos parecia, àquele momento, uma boa possibilidade de articulação. Como veremos no decorrer deste texto, o percurso do projeto nos mostrou que as barreiras institucionais (sempre invisíveis, porém poderosas) são determinantes nas ações universitárias e que nossas intenções foram atravessadas não apenas por bases teóricas explícitas, mas também por situações materiais e (inter) subjetividades.

O presente texto apresenta um projeto de extensão universitária que se efetiva no âmbito da formação de professores de Ciências e Biologia trazendo relatos reflexivos dos integrantes do projeto. Nosso objetivo consiste em apresentar as ações do projeto e seus "bastidores", mostrando o que "deu certo" e o que "deu errado" a partir dos olhares reflexivos dos envolvidos, os organizadores do curso. Logo, não temos a intenção de elaborar análises imparciais e objetivas. Detemo-nos em alguns eventos e recorreremos às nossas memórias para recriar a história do curso. Buscamos, com isso, contribuir para reflexões acerca da extensão universitária sem que haja um excesso de críticas ou uma "romantização" indevida. As reflexões revelam algumas tensões existentes entre aquilo que idealizamos e o que é possível no dia a dia de sua execução. Não é nossa intenção realizar avaliações sustentadas em dados empíricos, coletados formalmente, porque pretendemos enfatizar aspectos da extensão que, na maioria das vezes, são ocultados devido à rigurosidade dos formatos de textos que produzimos.

O projeto de extensão e o curso de atualização

O projeto de extensão "Temas da Biologia na formação continuada de professores: foco na alfabetização científica" (Galieta, 2014) teve início no ano de 2015 na Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Conforme explicitado acima, ele se originou de um projeto de pesquisa (Galieta, 2013) e ambos caminharam juntos até a conclusão deste. No entanto, extensão e pesquisa estiveram sempre interligados devido ao trabalho articulado de bolsistas de extensão e iniciação científica.

O projeto de extensão tem como principal ação o "Curso Integrado de atualização para professores de Ciências e Biologia: temas da Biologia para a alfabetização científica na educação básica". O curso tem carga horária total de 16 horas e é organizado em oficinas pedagógicas com temas relacionados à Biologia e ao ensino de Ciências e Biologia. As oficinas tinham duração de duas a quatro horas. Foram oferecidas oito edições do curso realizadas entre 2016 e 2022 com um total de 43 oficinas.

A primeira edição do curso contou com 8 (oito) oficinas com duração de 2 (duas) horas. Todas foram oferecidas por docentes do Departamento de Ciências da FFP-UERJ (Quadro 1). A segunda edição teve 5 (cinco) oficinas que foram ministradas, além dos professores da UERJ, por convidados vinculados a outras instituições (Quadro 2). As duas primeiras edições do curso aconteceram na FFP-UERJ.

Quadro 1 - Informações sobre a primeira edição do curso de atualização

Edição (ano)	Título da oficina	Professor(a) ministrante
1ª edição (2016)	A célula atrás das lentes do microscópio	Flavia Venancio (UERJ)
	Leitura e escrita nas aulas de Ciências: formação para a alfabetização (científica)?	Tatiana Galieta (UERJ)
	Vamos construir um cladograma?	Rosana Souza Lima e Luis Dorvillé (UERJ)
	Propagandas de TV como recursos didáticos no tratamento de questões sociocientíficas	Amanda Lima e Francine Pinhão (UERJ)
	Ensino de Ciências e Cultura Afro-Brasileira: uma junção possível?	Fabiana Benvenuto e Ana Clea Ayres (UERJ)
	Aprendendo sobre jogos cooperativos	Regina Mendes (UERJ)
	As plantas medicinais e a escola: o que sabemos?	Marcelo Guerra (UERJ)
	Observação de aves como atividade potencializadora de percepção ambiental	Ricardo Santori (UERJ)

Fonte: Os autores (2023).

Quadro 2 - Informações sobre a segunda edição do curso de atualização

Edição (ano)	Título da oficina	Professor(a) ministrante
2ª edição (2018)	Uso de aplicativos no Ensino de Ciências e Química	Lilian Costa (UERJ)
	Saúde, para além da presença e ausência de doenças	Luan da Silva Gustavo (UFRJ)
	Astronomia para o ensino de Ciências	Maria Cristina Behrsin (UERJ)
	Produtos audiovisuais como recursos didáticos para o tratamento de questões sociocientíficas	Amanda Lima e Francine Pinhão (UERJ)
	10 minutos contra o Aedes	Rafaela Bruno e Luana Farnesi (Fiocruz RJ)

Fonte: Os autores (2023).

Na terceira edição, decidimos ir até aos professores; desse modo, as oficinas ocorreram em escolas dos municípios de Angra dos Reis, Duque de Caxias e São Gonçalo (Quadro 3).

Quadro 3 - Informações sobre a terceira edição do curso de atualização

Edição (ano)	Título da oficina	Professor(a) ministrante
3ª edição (2019)	Jogos didáticos para o Ensino de Ciências	Tatiana Galieta, Clara Freitas, Thiago Ribeiro e Sára Melo (UERJ)
	Produtos audiovisuais como recurso didático para o tratamento de questões sociocientíficas	Amanda Lima e Francine Pinhão (UERJ)
	Construindo ações de Educação Ambiental no contexto escolar	Gabriela Trindade (UniRio)
	Educação, saúde e sexualidade	Francisco Coelho (UFRJ)

Fonte: Os autores (2023).

Com a pandemia da Covid-19, tivemos que adaptar o curso para o formato remoto. Assim, na quarta e quinta edições foram realizadas oficinas virtuais que foram transmitidas ao vivo⁶. Essa alteração nos permitiu convidar professores de diversas instituições brasileiras para oferecerem as oficinas (Quadros 4 e 5).

Quadro 4 - Informações sobre a quarta edição do curso de atualização

Edição (ano)	Título da oficina	Professor(a) ministrante
4ª edição (2020)	Divulgação científica em tempos de fake news: princípios para o que fazer	Hélio Messenger (UFBA)
	Educação Popular e um outro mundo possível	Samuel Urban (UERN)
	A saúde pública além da COVID-19	Rafaela Bruno (Fiocruz RJ)
	Relações étnico-raciais no ensino de Ciências: ideias e valores para repensar nossas aulas	Douglas Verrangia (UFSCar)
	Docência em tempos de pandemia: entre o ensino da vida e o que a vida nos ensina	Rodrigo Borba (UEMG)
	Educação em Ciências e Direitos Humanos	Roberto Dalmo de Oliveira (UFPR)

Fonte: Os autores (2023).

Quadro 5 - Informações sobre a quinta edição do curso de atualização

Edição (ano)	Título da oficina	Professor(a) ministrante
5ª edição (2020)	Narrativas pouco contadas e epistemologias outras: história e filosofia das Ciências para a educação humanista	Claudia de Alencar Serra e Sepulveda (UEFS)
	Sustentabilidade: ser ou não ser? Eis a questão	Laísa Maria Freire dos Santos (UFRJ)
	Aproximações entre Ciências e Arte: possibilidades na pesquisa em Educação	Luan da Silva Gustavo (UFRJ, SME-RJ)
	O uso de materiais e recursos acessíveis no ensino de Ciências e Biologia para alunos com deficiência visual	Naiara Miranda Rust (IBC)
	Ciência africana e afrodiáspórica	Bárbara Carine Soares Pinheiro (UFBA)
	Diversidade sexual e de gênero no chão da sala de aula	Yonier Alexander Orozco Marin (UFSC)

Fonte: Os autores (2023).

A sexta edição teve oficinas oferecidas exclusivamente por pesquisadores do Grupo LIQUENS UERJ para professores de Ciências da rede municipal de Itaguaí, RJ (Quadro 6). Esta edição aconteceu em plataforma de videoconferência, sem transmissão ao vivo.

⁶ A 4ª, 5ª, 7ª e 8ª edições do curso estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/c/LiquensUERJ/playlists>.

Quadro 6 - Informações sobre a sexta edição do curso de atualização

Edição (ano)	Título da oficina	Professor(a) ministrante
6ª edição (2021)	A quem interessa a BNCC?	Bruna Patti e Francine L. Pinhão (UERJ)
	Educação Ambiental Crítica na escola pública	Leonardo Kaplan (UERJ)
	Raça: para além da discussão biológica	Sára M. Melo e Tatiana Galieta (UERJ)
	Metodologias ativas	Vivian dos Santos Nogueira (UERJ)

Fonte: Os autores (2023).

A sétima edição do curso foi realizada remotamente com transmissão ao vivo pelo *YouTube*. Novamente foram convidados professores de diversas instituições brasileiras (Quadro 7).

Quadro 7 - Informações sobre a sétima edição do curso de atualização

Edição (ano)	Título da oficina	Professor(a) ministrante
7ª edição (2021)	Práticas inclusivas no contexto das Ciências	Paloma Alinne Alves Rodrigues (UNIFEI)
	Base Nacional Comum Curricular: como fica o ensino de Ciências e o ensino de Biologia?	Beatriz Pereira (UFSC)
	Mulheres nas ciências: projetos desenvolvidos em escolas	Camila Silveira da Silva (UFPR), Juliana Nogueira de Souza (Colégio Tales de Mileto) e Luciana F. E. Cabral (CEFET-RJ)
	Materiais pedagógicos para o ensino de Ciências e Biologia: compartilhando experiências	Maria Matos (CAp UFRJ)
	Educação em Ciências: dimensões para a (re)educação das relações étnico-raciais	Benício Pitaguary e Nivaldo Aureliano Léo Neto (UECE)
	Literatura e ensino de Ciências	Ana Lara S. da Silva e Patricia M. Giraldo (UFSC)

Fonte: Os autores (2023).

A oitava e última edição⁷ do curso aconteceu de forma híbrida: as oficinas aconteceram presencialmente na FFP-UERJ e foram transmitidas, simultaneamente, pelo Canal LIQUENS UERJ no *YouTube*.

⁷ A 8ª edição do curso teve como tema "Ciências, Artes e Literaturas para (re)pensar o Ensino".

Quadro 8 - Informações sobre a oitava edição do curso de atualização

Edição (ano)	Título da oficina	Professor(a) ministrante
8ª edição (2022)	Onde estão as mulheres? (Re)conhecendo as autoras silenciadas pela história	Fernanda Ribeiro (UERJ)
	Clássicos da literatura como laboratório de experiências humanas	Andrea Góes (UERJ)
	Educação em Ciências e Artes: contatos inesperados!	Leonardo Moreira Maciel (UFRJ)
	Hip Hop, evidências científicas e afeto	William Corrêa de Melo (UFRJ)

Fonte: Os autores (2023).

Inicialmente o curso contava somente com a participação de professores atuantes na educação básica e, em sua terceira edição, passou a ser aberto aos licenciandos em Ciências Biológicas. Essa alteração impactou diretamente no número de inscritos e de participantes. Da mesma forma, quando o curso foi oferecido remotamente durante a pandemia (4ª, 5ª e 7ª edições), o número de participantes certificados teve um grande aumento. No Quadro 9 informamos o número de concluintes em cada uma das edições. Ao total, 1.274 professores foram formados pelo projeto de extensão.

Quadro 9 - Número de concluintes e perfil dos participantes por edição do curso de atualização

Edição (ano)	Número de concluintes	Perfil dos participantes
1ª edição (2016)	17	Professores da educação básica (redes municipais e estadual do RJ)
2ª edição (2018)	5	Professores da educação básica e licenciandos da FFP-UERJ
3ª edição (2019)	26	Professores da educação básica e licenciandos da FFP-UERJ
4ª edição (2020)	614	Professores da educação básica, licenciandos (da UERJ e outras universidades), pós-graduandos (da UERJ e outras universidades) e demais profissionais da educação.
5ª edição (2020)	438	Professores da educação básica, licenciandos (da UERJ e outras universidades), pós-graduandos (da UERJ e outras universidades) e demais profissionais da educação.
6ª edição (2021)	14	Professores da educação básica (rede municipal de Itaguaí, RJ)
7ª edição (2021)	133	Professores da educação básica, licenciandos (da UERJ e outras universidades), pós-graduandos (da UERJ e outras universidades) e demais profissionais da educação.
8ª edição (2022)	27	Professores da educação básica, licenciandos e pós-graduandos (da UERJ e outras universidades).

Fonte: Os autores (2023).

Os temas das oficinas, sua duração, bem como o local e o público foram definidos de acordo com o retorno que obtinhamos dos professores que ministraram as oficinas e, sobretudo, de seus participantes. Isso somente não ocorreu na primeira edição do curso porque não conseguimos um retorno dos docentes devido ao grave momento político que enfrentávamos no estado do RJ com

paralisações e greves as quais reivindicavam melhores condições de trabalho. Porém, a partir do momento em que conseguimos criar um "canal de comunicação" com os professores (formal, através de consultas diretas, e informal, por meio de conversas via redes sociais ou presenciais) passamos a incorporar os temas que lhes eram urgentes.

A avaliação, realizada ao final de cada ano, sustentada em análises empíricas do projeto de pesquisa (Oliveira, 2017; Oliveira & Galieta, 2019; Ribeiro, 2021) e relatos reflexivos (Ribeiro et al., 2019; Galieta, 2019; Nogueira *et al.*, 2021), foi essencial para o caráter dinâmico e de vitalidade do projeto de extensão. No entanto, nesses trabalhos e estudos focamos em interpretações feitas por outros sujeitos que não nós, os organizadores do curso e integrantes do projeto de extensão. Certamente que buscávamos incluir alguns elementos que experimentamos, porém, isso não chegou a ser realizado em reflexões pessoais. Nesse sentido, na próxima seção, relatamos aspectos relacionados às nossas vivências decorrentes do envolvimento com a extensão.

Reflexões dos organizadores do curso

Os relatos da equipe organizadora do curso foram produzidos a partir dos seguintes pontos: como o curso ajudou na minha formação; quais contribuições esperava que o curso tivesse na formação dos participantes; quais eram as nossas intenções ao propor as oficinas; o que deu certo e o que não deu na execução do curso; o que aconteceu nas oficinas; o que nos surpreendeu (positiva ou negativamente); quais lugares ocupamos no curso (organização, participação e/ou oferta de oficinas). Nem todos os pontos foram abordados nas reflexões individuais porque cada um de nós estabeleceu uma determinada relação com o projeto. Da mesma forma, outros aspectos que, inicialmente não foram previstos, surgiram em alguns relatos.

A partir dos relatos, destacamos cinco elementos derivados das reflexões dos integrantes da equipe do projeto de extensão, a saber: imprevistos e fatores externos à organização; contribuições profissionais; relações entre escola e universidade; limitações do formato do curso; e dimensão afetiva. A seguir destacamos alguns excertos dos relatos para exemplificar cada um dos elementos destacados.

Imprevistos e fatores externos à organização:

Durante a realização deste curso, houve alguns contratemplos que dificultaram sua realização: a greve geral no ano de 2016, que atrapalhou nosso cronograma; o fato de que alguns professores palestrantes tiveram alguns imprevistos que impossibilitaram a realização das atividades no dia previsto, tendo que alterar a data de algumas oficinas. Consequência disso ou não, houve um número bom de inscritos no curso, mas uma quantidade menor de professores que de fato participaram das atividades do curso (Bolsista de extensão, 2015-2017, grifo nosso).

Já na primeira vez que o curso foi oferecido ele não aconteceu como tínhamos previsto lá no projeto. O curso deveria ter seus temas definidos pelos professores da escola e não por nós, da academia. E já não o foi. Isso acabou acontecendo por aquele ter sido um ano bastante conturbado marcado por paralisações e greves no estado do RJ (Professora coordenadora do projeto de extensão, 2015-2022, grifo nosso).

Por diversas vezes tivemos problemas em agendar o transporte que nos levaria às escolas parceiras do Curso, ora por problemas com horários que já estavam agendados por outros pro-

fessores da Universidade, ora por problemas técnicos com a van. Tivemos um imprevisto com um professor que fazia o intermédio entre o projeto e uma das escolas parceiras. Ele mudou de instituição e não nos comunicou com antecedência, o que nos colocou em uma posição delicada com a direção já que tivemos que cancelar as oficinas que aconteceriam lá (Bolsista de extensão 2018-2020; voluntário, 2021, grifo nosso).

No final de 2020 perdemos a única bolsa de extensão que tínhamos e eu cheguei a pensar em encerrá-lo. Porém, com a pandemia eu senti que deveríamos manter esse espaço de diálogo com os professores, ainda mais que muitos deles estavam sendo atropelados por demandas absurdas de suas secretarias, de suas coordenações, para produzir conteúdos à distância (Professora coordenadora do projeto de extensão, 2015-2022, grifo nosso).

Em síntese, notamos que os imprevistos e fatores externos à organização do curso dizem respeito a: greves e paralisações nas escolas e na universidade; situações pessoais dos ministrantes das oficinas; problemas no transporte (da universidade para a escola); faltas não justificadas no dia da oficina; não realização de oficinas pré-agendadas por mudança de instituição de professor participante do projeto; ausência de bolsa de extensão.

Contribuições profissionais:

Poder participar da organização do curso realizado em 2016 foi uma experiência muito positiva para meu crescimento como graduando, pois me permitiu vivenciar a construção de algo que foi pensado em retribuir para a sociedade o fruto de nosso trabalho, uma vez que os professores participantes das oficinas estavam em alguma escola. Além disso, pude conhecer o trabalho de extensão de alguns professores [da universidade] que já haviam contribuído para a construção da minha visão do que é ensinar. Graças a esse curso, consegui elaborar a minha monografia que buscou compreender as relações entre a alfabetização científica e a formação continuada de professores de Ciências e Biologia durante esse curso de atualização (Bolsista de extensão, 2015-2017, grifo nosso)

Muito do que a gente conversava antes e após cada oficina, muito informalmente, nos ajudava a buscar o que tinha funcionado, o que não tinha e o porquê. Mas houve também sistematização das experiências, com a escrita de textos (trabalhos para eventos, relatórios, capítulos de livros) (Professora coordenadora do projeto de extensão, 2015-2022, grifo nosso).

A minha primeira experiência com o curso foi percebida de uma posição de organização e idealização de propostas, o que de fato foi edificante em uma esfera profissional, podendo estar em contato com burocracias e processos intrínsecos à organização de um curso; e em uma esfera pessoal, fazendo com que eu me organizasse melhor e tomasse novas iniciativas que antes não conseguiria ou não sentia apto (Bolsista de extensão 2018-2020; voluntário, 2021, grifo nosso).

Em uma primeira instância, o curso ajudou na minha construção profissional quando me tornei bolsista de iniciação científica do projeto, já que essa nova oportunidade de estágio iria me proporcionar novas experiências. Já em um segundo momento, as oficinas e o curso no todo me trazem reflexões que até então eu não tinha tido durante a minha formação, confrontos sobre práticas que eu já tinha realizado em contato com os estudantes da educação básica durante estágios obrigatórios da graduação em Ciências Biológicas (Bolsista de IC, 2018-2020; voluntária 2021-2022, grifo nosso).

A experiência de oferecer uma oficina dada por mim e pelos demais colegas do projeto, foi extremamente importante para ver como o papel do palestrante também se torna difícil algumas

vezes, ver o assunto que daríamos durante a oficina, fazer como que não fosse uma coisa monótona, pensar nos jogos didáticos – no caso foi o tema oficina oferecida pela equipe, – conseguir esses jogos etc. (Bolsista de IC, 2018-2020; voluntária 2021-2022, grifo nosso).

Me senti privilegiada por poder ter duas visões do curso, uma como participante e outra como organizadora, o que seria um bônus para a minha formação porque pude presenciar como é a logística de planejar um curso (Estudante UERJ voluntária, 2019-2021, grifo nosso).

Observamos como contribuições na formação dos organizadores: a formação no âmbito da pesquisa; a formação como (futuro/a) professor(a) de Ciências e Biologia; o aprendizado sobre o funcionamento burocrático da escola e da universidade; o exercício de oferecer uma oficina pedagógica; as experiências com a escola que o estágio supervisionado não permite vivenciar; o aprendizado com profissionais que são reconhecidos em suas áreas de especialização; a redação de trabalhos acadêmicos; o desenvolvimento de expertise na organização do curso e na oferta de oficinas pedagógicas.

Relações entre escola e universidade:

Ao fim dessa análise conseguimos perceber a importância de serem ofertados cursos com essa temática, abordando não só conteúdos específicos da Biologia, como também a possibilidade dos professores de escolas estarem em contato com os professores de universidades, permitindo assim a melhoria efetiva do ensino de Ciências e Biologia (Bolsista de extensão, 2015-2017, grifo nosso).

Com relação à minha participação como ministrante de oficinas, eu ofereci uma oficina na primeira edição, mas naquela ocasião o tema tinha a ver com meu interesse de pesquisa. Já na terceira edição o tema foi definido pelos professores da escola de Angra dos Reis e na sétima foi sugerido pela professora da secretaria de Itaguaí. Isso me deu outra perspectiva do curso porque saí do lugar de organizadora e participante das oficinas para o de ministrante que buscava atender demandas (Professora coordenadora do projeto de extensão, 2015-2022, grifo nosso).

Assim, no segundo ano o curso continuou na FFP, mas foi aberto aos licenciandos e no terceiro passou para as escolas, com nossa ida (da equipe organizadora e dos professores universitários) até os professores. Isso representou um salto enorme para o projeto porque sentimos que lá os professores falavam mais sobre a escola, seus estudantes, suas realidades. Os conteúdos das oficinas foram quase que naturalmente sendo contextualizados (Professora coordenadora do projeto de extensão, 2015-2022, grifo nosso).

Uma coisa que me surpreendeu muito durante todas as oficinas foi a participação de muitos docentes de outras áreas, o empenho dos palestrantes em levar aplicabilidade das teorias expostas, a recepção da comunidade escolar foi muito calorosa e gratificante também. E após toda essa análise, pude comparar como é estar em todos os lugares de construção do curso (organização, participação e oferecendo uma oficina) (Bolsista de IC, 2018-2020; voluntária 2021-2022, grifo nosso).

No decorrer do curso, pude perceber o entusiasmo dos docentes em poder estar participando, dentro do seu local de trabalho, interagindo com colegas de outras disciplinas, como Geografia e Matemática, um mesmo tema e compartilhando suas experiências, juntamente com os discentes, que no futuro ocuparão o lugar deles (Estudante UERJ voluntária, 2019-2021, grifo nosso).

De uma forma geral, os assuntos citados sobre a relação escola e universidade foram: possibilidade de contato entre os professores da educação e os do ensino superior, com definição dos temas das oficinas (atendendo aos interesses dos professores em formação); interação entre os participantes durante as oficinas (professores das escolas, ministrantes e licenciandos); participação de professores de outras disciplinas que não somente Biologia (tanto dos ministrantes quanto dos cursistas); excelente recepção das escolas (incluindo diretores, professores e funcionários responsáveis pela alimentação); diálogos com os colegas (professores em formação continuada e inicial).

Formatos do curso e as oficinas pedagógicas

É importante salientar que em um curso desses em que ocorre a participação de vários colaboradores, podem ocorrer vários percalços durante o caminho. Um bom exemplo disso, são alguns palestrantes que não compreendem muito o conceito de oficina e acabam dando palestras; outra questão é o distanciamento dos lugares onde as oficinas ocorrem, o que não possibilita a participação de muitas pessoas (Bolsista de IC, 2018-2020; voluntária 2021-2022, grifo nosso).

Até mesmo quando um professor que ofereceu uma oficina não apresentou uma parte prática, indo contrário à proposta do Curso, o tempo teórico foi bem aproveitado pelos participantes que se mostravam na grande maioria das vezes dedicados em ajudar os colegas tanto na posição de cursantes quanto aqueles na posição de oferecedores (Bolsista de extensão 2018-2020; voluntário, 2021, grifo nosso).

Quando nós começamos a planejar a edição de 2019 do curso, pensamos primeiro em mudar a organização das oficinas (os dias em que eram realizadas, o público a quem se destinava essas oficinas e também os espaços de realização delas) tendo como exemplo os anos anteriores em que o curso foi oferecido. Assim, organizamos o curso da seguinte forma: realizando as oficinas em dias úteis, ou seja, entre segunda-feira e sexta-feira; optamos também pelas oficinas acontecerem nas escolas, para isso contamos com professores já parceiros do projeto para contatarem a escola onde trabalhavam e partir do aval dos diretores víamos quais eram as demandas; uma outra mudança foi a abertura do curso para docentes de outras disciplinas e também para discentes de licenciatura em Ciências Biológicas (Bolsista de IC, 2018-2020; voluntária 2021-2022, grifo nosso).

Após cada ano, em cada edição do curso, nós fazíamos uma avaliação a partir do retorno que tínhamos dos participantes (ministrantes de oficinas e inscritos). Eles respondiam um questionário *online* e com suas respostas a gente tentava aprimorar. Outro aspecto importante vinha da nossa vivência do curso, das oficinas que participávamos e do próprio processo de organização e realização dele. Muito do que a gente conversava antes e após cada oficina, muito informalmente, nos ajudava a buscar o que tinha funcionado, o que não tinha e o porquê. (...) Com isso, o curso foi mudando, ganhando novos formatos e participantes, embora a gente tenha optado por manter a estrutura de oficinas (Professora coordenadora do projeto de extensão, 2015-2022, grifo nosso).

(...) com a pandemia eu senti que deveríamos manter esse espaço de diálogo com os professores, (...). Então organizamos o curso e transmitimos pelo Youtube. Foram professores e licenciandos inscritos de todo o Brasil (e até de outros países) e, mais uma vez a equipe (...), conseguiu dar conta de mais um desafio (Professora coordenadora do projeto de extensão, 2015-2022, grifo nosso).

Entre as limitações do formato do curso, os organizadores destacaram: o número de participantes em oficinas nas escolas (devido ao transporte e à localização da escola); o não entendimento do que são oficinas pedagógicas (para além de “palestras”) por parte de alguns ministrantes; os locais, dias da semana e horários em que eram oferecidas as oficinas (a mudança da universidade para as escolas com encontros não mais aos sábados, em dias indicados pelos professores, e a realização de oficinas remotas durante a pandemia foram algumas das alterações feitas que surtiram bons resultados). Por outro lado, também foi ressaltado o potencial de reinvenção do curso, por meio do retorno dos participantes e de trocas entre a equipe organizadora, que permitiram que o projeto se reorganizasse em formatos, locais de oferta e temas, ainda que mantendo a estrutura de oficinas.

Dimensão afetiva

Sendo assim, toda logística de fazer acontecer uma oficina desde a organização, convites de palestrantes, parceria das escolas e no final ver que deu certo mesmo com alguns problemas, ver que os participantes saíram satisfeitos, isso torna toda a organização muito mais gratificante visto que conseguimos alcançar todos os espaços que participaram do curso (Bolsista de IC, 2018-2020; voluntária 2021-2022, grifo nosso).

O que eu mais gosto e me dá, de verdade, orgulho desse projeto, desse curso, é o seu poder de reorganização e reinvenção. E isso só foi possível por termos formado uma equipe [...] (Professora coordenadora do projeto de extensão, 2015-2022, grifo nosso).

Assumir diversos papéis diferentes no curso, assim como participante, me fez crescer de várias formas, tinha que ter posicionamentos diferentes conforme meu lugar no curso mudava, mas em todos eu estava aprendendo junto dos meus parceiros do projeto e sou muito grata por todos os momentos vividos (Estudante UERJ voluntária, 2019-2021, grifo nosso).

Apesar de todo o sucesso e aprendizado, entendo que este projeto já cumpriu seus objetivos. Por isso, encerraremos este ciclo com a volta do curso ao presencial no ano de 2022 (Professora coordenadora do projeto de extensão, 2015-2022, grifo nosso).

Nesta dimensão, os organizadores enfatizaram sentimentos relacionados à frustração por algum contratempo ou por algo que não estava sob nosso controle, à alegria e à gratificação do trabalho realizado, com a “sensação de dever cumprido”.

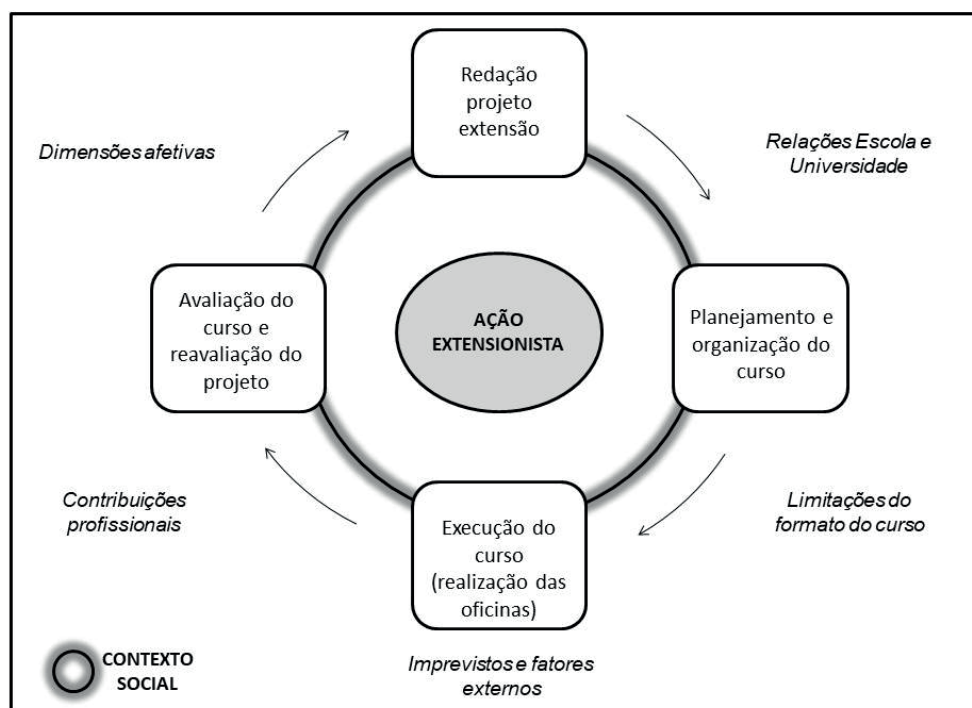
O estudo de Kochhann (2017), que consistiu em caracterizar os limites e as perspectivas da extensão universitária no âmbito da formação de professores, em uma pesquisa do tipo estado do conhecimento, ajuda-nos a localizar os cinco elementos dentro de um quadro mais amplo sobre a extensão. Entre as limitações identificadas pela autora, em um total de 17 itens, algumas aproximam-se daquelas apontadas, pela equipe do projeto, anteriormente. *Os Imprevistos e fatores externos à organização* alinham-se ao que Kochhann (2017) identifica como: descontinuidade das ações; tensionamentos na concepção de extensão; falta de recursos humanos e condições estruturais.

Por outro lado, as perspectivas surgem como potencialidades na ação universitária. A autora relaciona 26 itens, dos quais dez estão relacionados às *Contribuições profissionais*, às *Relações entre escola e universidade*, e aos *Formatos do curso e as oficinas pedagógicas e à Dimensão afetiva*. São eles: locus de discussão e criação de metodologias; integra a universidade à comunidade; produz

material didático e bibliográfico; fomenta a sensibilidade e coletividade; tem a pesquisa tem campo fértil na extensão; favorece a formação acadêmica e humana; potencializa a relação dialógica; possibilita uma práxis articuladora; fomenta a efetivação do tripé (ensino, pesquisa e extensão); fomenta a produção do conhecimento (Kochhann, 2017).

Na Figura 1 sintetizamos em um esquema as relações entre os elementos destacados e a própria ação extensionista (empreendida pelo projeto e curso) que está situada em um contexto social que impõe determinadas condições e atravessa essa ação.

Figura 1 - A ação extensionista como um sistema de retroalimentação



Fonte: Os autores (2022).

Conforme observa-se na Figura 1, a partir das relações estabelecidas entre os elementos constituintes da ação extensionista mobilizada por intermédio do curso de atualização, consideramos que a extensão universitária aqui relatada se estabeleceu como *práxis*⁸ e não como uma "ação pela ação", o que resulta numa relação sem nenhum significado para a comunidade" (Rodrigues, 2005-2006, p. 85, grifos do autor). Apoiados em Rodrigues (2005-2006), entendemos que a extensão foi ressignificada de modo que o trabalho da Universidade foi lançado "para além de seus muros, uma extensão tomada como *práxis*⁴, numa ação planejada e crítica sobre o real, aqui retomado como síntese das múltiplas determinações" (p. 87, nota de rodapé suprimida). O autor completa:

Para que esse real seja alcançado, reafirmamos que a Universidade deve buscar a comunidade não com o entendimento dela como um problema para ser resolvido ou atendido, mas como parte do "real" que proporciona as condições necessárias para a "formação do pensamento

⁸ Compreendemos *práxis* a partir da Filosofia da Educação de Paulo Freire (Freire, 1980), segundo a qual o ato pedagógico consiste em um movimento dialético de reflexão e ação, de modo que "teoria e prática se unem na ação ativa e libertadora, sempre mediada pela dialogicidade como método e pela horizontalidade como ontologia" (Correia & Bonfim, 2008, p. 56).

crítico". Desta forma, o trabalho da extensão universitária passará a ser algo inserido numa prática na qual esteja estabelecida uma relação direta com a pesquisa e o ensino (Rodrigues, 2005-2006, p. 87-88).

Os relatos reflexivos dos organizadores do curso de atualização indicam perspectivas e contribuições da extensão universitária por meio de ações que partiram do real dos professores cursistas, fosse através da definição dos temas das oficinas, da modificação do formato do curso (presencial, remoto ou híbrido), da ida até as escolas ou da escolha dos nomes dos convidados para ministrarem as oficinas.

Considerações finais

Neste texto apontamos elementos essenciais de uma "extensão real", para além daquela que teorizamos e buscamos colocar em prática em um projeto que teve como ação principal um curso de atualização. Tais elementos nos indicam que a educação *com* o outro e não *para* o outro pode acontecer mesmo quando o outro não está (fisicamente) presente/envolvido nas primeiras etapas de organização da ação extensionista (Freire, 1983).

Todo o percurso do projeto (que envolve seu planejamento, a organização e a execução do curso, e sua avaliação para dar início a um novo ciclo) foi se dando de modo a revelar uma grande potência dialógica, algo que está em consonância com a Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012) que tem como uma de suas diretrizes a *Interação Dialógica*.

Desta forma, o projeto não se reduziu a uma ação extensionista isolada de caráter assistencialista ou de prestação de serviços, mas sim de *práxis* (Rodrigues, 2005-2006). A partir dos elementos ressaltados nas reflexões da equipe do projeto, e do retorno que temos tido dos participantes em avaliações após a realização do curso, entendemos que temos nos aproximado da escola e dos professores que lá atuam constituindo um espaço mútuo e efetivo de trocas e aprendizagens.

Contudo, e por fim, ressaltamos as diversas dificuldades enfrentadas no percurso. A extensão vista de forma ingênua, como uma ponte pré-construída em via de mão dupla entre escola e universidade, não foi algo que vivenciamos. Nossa ação extensionista coletiva foi fruto de trabalho duro e constante, o qual – reconhecemos – nem sempre agradou ou atendeu ao esperado pelos professores da educação básica.

REFERÊNCIAS

- Barreto, A. L.; Filgueiras, C. A. L. (2007). Origens da universidade brasileira. *Química Nova*, 30(7), 1780-90.
- Correia, W.; Bonfim, C. (2008). Práxis pedagógica na filosofia de Paulo Freire: um estudo dos estádios da consciência. *Trilhas Filosóficas*, Ano 1(1), 55-66.
- De Medeiros, M. M. (2017). A extensão universitária no Brasil – um percurso histórico. *Revista Barbaquá*, 1(1), 09-16.
- Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX. (2012). *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus, AM.

Freire, P. (1980). *Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. [1. ed. 1979]. São Paulo: Editora Moraes.

Freire, P. (1983). *Extensão ou comunicação?* 8. ed. [1. ed. 1969]. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Galieta, T. (2013). *Professores de ciências, práticas pedagógicas e pesquisas acadêmicas: a alfabetização científica no contexto de oficinas de formação continuada*. Projeto de Pesquisa, Edital Universal. São Gonçalo, RJ: FFP/UERJ/CNPq.

Galieta, T. (2014). *Temas da Biologia na formação continuada de professores: foco na alfabetização científica*. Projeto de Extensão. São Gonçalo, RJ: FFP/DEPEXT/UERJ.

Galieta, T. (2019). Caminhos (ainda) trilhados em busca da comunicação em ações extensionistas na formação de professores de biologia. In: Coelho, F. J. F.; Martinhon, P. T.; Sousa, C. (Orgs.). *Educação em Ciências, Saúde e Extensão universitária*. Curitiba: Brazil Publishing.

Kochhann, A. (2017). Formação de professores na extensão universitária: uma análise das perspectivas e limites. *Revista Teias*, 18(51), 276-292.

Nogueira, V. dos S.; Ribeiro, T. C. S.; Melo, S. R. M.; Freitas, C. C.; Galieta, T. (2021). Extensão universitária na pandemia: reformulações em um curso para professores de Ciências e Biologia. In: Galieta, T. (Org.). *Temáticas sociocientíficas na formação de professores*. São Paulo: Livraria da Física.

Oliveira, N. da M. (2017). *Relações entre alfabetização científica e formação continuada de professores de Ciências: limites e possibilidades*. 136f. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas). São Gonçalo: FFP/UERJ.

Oliveira, N. da M.; Galieta, T. (2019). Alfabetização científica no contexto de oficinas de formação continuada para professores de Biologia. *Ciências & Idéias*, 10(3), 1-21.

Rodrigues, R. (2005-2006). A extensão universitária como uma práxis. Em *Extensão*, 5, 84-88.

Ribeiro, T. C. S. (2021). *Formação continuada de professores de Ciências em um curso de atualização durante a pandemia*. 2021. 56f. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas). São Gonçalo: FFP-UERJ.

Ribeiro, T. C. S.; Melo, S. R. M.; Galieta, T. (2019). Relato sobre um curso de atualização para professores de Biologia: contribuições para a formação docente. In: IX Encontro Regional de Ensino de Biologia - RJ/ES, Rio de Janeiro: MGSC Editora, 1275-1287.

Santos, W. L. P. dos. (2007). Educação científica na perspectiva de letramento como prática social: funções, princípios e desafios. *Revista Brasileira de Educação*, 12(36), 474-550.

DATA DE SUBMISSÃO: 18/10/2022

DATA DE ACEITE: 13/06/2023